



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO

PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO

DEPARTAMENTO CIÊNCIA E TECNOLOGIA

BACHARELADO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA

VIRNA ELISSA SOARES DE SOUZA

LEVANTAMENTO ACERCA DOS SABERES POPULARES DA REGIÃO OESTE POTIGUAR

VIRNA ELISSA SOARES DE SOUZA

LEVANTAMENTO ACERCA DOS SABERES POPULARES DA REGIÃO OESTE POTIGUAR

Monografia apresentada a Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Bacharel em Ciência e tecnologia.

Orientador: Prof. Dr. Mackson Matheus França
Nepomuceno

Caraúbas/RN 2025

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

S7191 Souza, Virna Elissa Soares de .
Levantamento acerca dos saberes populares da
região oeste potiguar / Virna Elissa Soares de
Souza. - 2025.
37 f. : il.

Orientador: Mackson Matheus França Nepomuceno.
Monografia (graduação) - Universidade Federal
Rural do Semi-árido, Curso de , 2025.

1. conhecimento popular. 2. conhecimento
científico. 3. etnociência. 4. nordeste. I.
Nepomuceno, Mackson Matheus França , orient. II.
Título.

**Ficha catalográfica elaborada por sistema gerador automático
em conformidade com AACR2 e os dados
fornecidos pelo) autor(a).**

Biblioteca Campus Caraúbas
Bibliotecária: Sarah Freire Bezerra
CRB: 15/1052

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

VIRNA ELISSA SOARES DE SOUZA

**LEVANTAMENTO ACERCA DOS SABERES POPULARES DA REGIÃO OESTE
POTIGUAR**

Monografia apresentada a
Universidade Federal Rural do
Semi-Árido como requisito para
obtenção do título de Bacharel em
Ciência e Tecnologia.

Defendida em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Mackson Matheus França Nepomuceno (UFERSA) Presidente

Prof. Dr. Francisco César de Medeiros Filho (UFERSA) Membro Examinador

Téc. Pedro Neri Bandeira de Souza (UFERSA) Membro Examinador

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à memória de meus avós, Antônia Maria, Saturnino Oliveira e Edmilson Cardoso, que, com absoluta certeza contribuiriam com seus mais belos conhecimentos ancestrais para esta pesquisa. Dedico-o também em memória ao meu querido amigo Jair Júnior, que estaria verdadeiramente feliz com a escolha do tema e ajudaria com muito prazer este trabalho.

Vocês estaramsempre em meu coração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e Nossa Senhora, por me concederem saúde e lucidez para alcançar este momento.

Agradeço aos meus pais, Vanuza Soares e Evanilson Souza, pilares em minha vida, por estarem ao meu lado, me dando apoio e dedicação incondicionais.

Agradeço à minha tia, Antônia das Neves, a quem considero uma segunda mãe, e a minha avó, Luzia Leite.

Agradeço ao meu companheiro, Ronald Ravier, por sua presença e apoio em todos os momentos, principalmente nas diversidades.

Agradeço ao Orientador, por fazer parte desta jornada, guiando-me durante a realização e conclusão desse trabalho.

Agradeço à Banca Examinadora pela presença.

Agradeço aos meus Amigos, presenças importantes em minha vida, em especial a Amanda Cristina, Jéssica Lima e Letícia Elen, pelo apoio e ajuda inestimáveis.

Agradeço aos meus primos e primas, que amo como irmãos, João Emanuel, Adylla Rebecka, Mayara Suellen, Yuri Renan, Marilía Suênia, Alice Evellyn e Fábiana Monique, pelo apoio e paciência durante essa trajetória.

Agradeço de forma especial ao meu primo/sobrinho, Heitor Menezes, que, apesar de crinaça, me ensina todos os dias a ser uma pessoa melhor e mesmo na dificuldade não desistir dos meus objetivos, independente da dificuldade.

E, por fim, ao BTS (Bangtan Sonyeondan), por terem sido a trilha sonora e o refúgio em incontáveis noites de pesquisa.

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) aborda a divergência entre o saber popular e o conhecimento científico no Nordeste brasileiro, com atenção particular à realidade potiguar. Entende-se que as tradições culturais e conhecimentos ancestrais enfrentam um risco de desaparecimento, à medida que o discurso científico ganha maior centralidade. Diante da lacuna existente nas pesquisas sistematizadas sobre os saberes tradicionais no Rio Grande do Norte, este estudo tem como objetivo identificar e analisar os principais conhecimentos populares utilizados pela população local em diferentes domínios científicos, como medicina e meteorologia, contemplando tanto experiências pessoais quanto saberes transmitidos entre gerações. O estudo adotou uma abordagem mista, reunindo revisão bibliográfica e pesquisa de campo qualitativa. A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas com 10 moradores, agricultores e donas de casa, com idades entre 55 e 80 anos residentes nas zonas rurais de Felipe Guerra-RN (Fazenda Nova, Sítio Brejo e Gasparim). As informações obtidas foram examinadas com base na Análise de Conteúdo. Os resultados evidenciam que o conhecimento popular permanece vivo e ativo, especialmente no uso medicinal das plantas, na observação do comportamento animal e na interpretação de fenômenos celestes, configurando práticas que integram um sistema próprio de compreensão do mundo. Conclui-se que esses saberes constituem verdadeiros sistemas epistemológicos, que não apenas desafiam a hierarquia tradicional do conhecimento, mas também demandam registro e preservação urgentes, de modo a garantir a memória coletiva e fortalecer a identidade cultural regional.

Palavras-chave: conhecimento popular; conhecimento científico; etnociência; nordeste.

ABSTRACT

The present Undergraduate Thesis (TCC) addresses the divergence between popular knowledge and scientific knowledge in the Brazilian Northeast, with particular attention to the reality of Rio Grande do Norte. It is understood that cultural traditions and ancestral knowledge face a risk of disappearance as scientific discourse gains greater centrality. Given the existing gap in systematic research on traditional knowledge in Rio Grande do Norte, this study aims to identify and analyze the main forms of popular knowledge used by the local population in different scientific domains, such as medicine and meteorology, considering both personal experiences and knowledge transmitted across generations. The study adopted a mixed approach, combining bibliographic review and qualitative field research. Data collection took place through semi-structured interviews with 10 residents, farmers and housewives, aged between 55 and 80 years, living in the rural areas of Felipe Guerra-RN (Fazenda Nova, Sítio Brejo and Gasparim). The information obtained was examined based on Content Analysis. The results show that popular knowledge remains alive and active, especially in the medicinal use of plants, in the observation of animal behavior and in the interpretation of celestial phenomena, configuring practices that integrate a unique system of understanding the world. It is concluded that these forms of knowledge constitute true epistemological systems that, in addition to challenging the traditional hierarchy of knowledge, require urgent documentation and preservation, ensuring collective memory and strengthening regional cultural identity.

Keywords: popular knowledge; scientific knowledge; ethnoscience; northeast.

LISTA DE TABELA

Tabela 1 – Tabela Plantas medicinais citadas na comunidade do RN.....	16
Tabela 2 – Indicadores do inverno e da seca.....	22

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
2.1. A Ciência Medicinal.....	14
2.2. Meteorologia	21
3. METODOLOGIA	24
3.1. Sujeitos da Pesquisa.....	24
3.2. Instrumentos e Coleta de Dados.....	24
3.3. Técnica de Análise	26
4. RESULTADOS	25
4.1. Medicina Popular	27
4.2. Meteorologia Popular.....	29
4.3. Comportamento dos Animais	30
4.4. Plantações	32
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	34
APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista	36

1 INTRODUÇÃO

É inegável que o conhecimento não se baseia unicamente em experimentos e hipóteses científicas, desde muito antes da descoberta dos elementos que compõem a base científica o ser humano já havia aprendido a conviver e a sobreviver em meio aos tormentos da vida, em todas as localidades do nosso planeta. Várias regiões do globo possuem as quatro estações climáticas, que ocorrem durante o ano, entretanto, algumas outras sofrem com a falta de, pelo menos, duas delas. O nordeste brasileiro é uma dessas regiões, possuindo somente o verão e o inverno, os primeiros habitantes conseguiram superar os desafios e sobreviver em meio a seca e calor extremo. Esse conhecimento foi e é passado até hoje, através das gerações por intermédio do diálogo e de aplicações. Esse tipo de saber é chamado de conhecimento popular ou saber popular (Nascimento, 2008).

Esse saber popular, fundamentado na experiência cotidiana e transmitido por gerações, mantém forte presença nas comunidades do nordeste brasileiro, especial mente entre os mais idosos. Tal princípio contrasta-se com saber científico, que busca consolidação por intermédio de métodos rigorosos e linguagem técnica. Esta pesquisa parte do pressuposto de que ambos os conhecimentos coexistem na sociedade contemporânea. Entretanto, de acordo com Rego (2023), pode-se observar uma sobreposição do fundamento científico mediante o saber popular, em decorrência do desenvolvimento tecnológico e a crescente valorização dos discursos especializados. Como consequência, as tradições culturais e os conhecimentos ancestrais correm um sério risco de desaparecimento progressivo, devido à desvalorização das epistemologias tradicionais.

A concepção de “conhecimento” origina-se do latim *cognoscere* (co, “junto” + gnoscere, “saber”) que possui o significado “*conhecer*”. Conforme registra Cunha (2010) em seu *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, o termo significa “ter noção, informação, saber”. Na epistemologia filosófica é descrita por Platão, em seu diálogo *Teeteto* (369 a.C.), como uma “crença verdadeira justificada”, ou seja, na perspectiva platônica, é um conceito que exige uma validação empírica e embasamento lógico, tão somente as ideologias pessoais não constituem o conhecimento verdadeiro. A construção do conhecimento contemporâneo opera

analogamente ao modelo epistemológico apresentado pelo filósofo.

No âmbito científico, o conhecimento é construído ativamente por intermédio de metodologias de estudos realizadas por cientistas pesquisadores, que direcionam numerosos experimentos e pesquisas com o propósito de testar, e aplicar, suas hipóteses previamente concebidas ao longo de suas investigações. Os dados coletados durante esse desenvolvimento sucedem cuidadosos processos de análises para ser em, posteriormente, validados, com o propósito de certificar a confiabilidade dos resultados. O avanço tecnológico permitiu uma aceleração nesse ciclo de pesquisa-aplicação, reduzindo significativamente o tempo entre as formulações de suas teorias e as suas legitimações (Chalmers, 1993).

Para a ciência popular, a maneira de obter conhecimento difere dos métodos científicos, não requerendo a comprovação de estudos em laboratórios com equipamentos de alta tecnologia ou uma formação acadêmica. São saberes adquiridos no decorrer dos anos pelas comunidades ancestrais disseminadas por todo território brasileiro, através de suas experiências vivenciadas. Esse fenômeno, evidentemente, não é uma característica exclusiva do Brasil. Diversos países também desenvolveram processos de conhecimento tradicional, com sua epistemologia local e práticas científicas populares, que se alicerçaram através dos séculos. (Albuquerque; Andrade, 2002).

A etnobotânica é uma ciência que investiga o uso das plantas pelos grupos humanos em suas culturas, abrangendo fins medicinais, religiosos, alimentícios e de conservação ambiental (Franco *et al.*, 2011). Ela busca compreender as relações entre as comunidades e os recursos vegetais tradicionais, registrando conhecimentos empíricos que podem contribuir para a descoberta de novos medicamentos e estratégias de preservação da biodiversidade (Franco *et al.*, 2011, apud Albuquerque, 2002).

O cultivo e uso de plantas atualmente são exemplos da herança desses aprendizados, em decorrência da sua ligação à história da humanidade desde seus primórdios. Sendo uma prática ancestral fundamentada no acúmulo de conhecimentos transmitidos oralmente ao longo das gerações, representa uma das formas mais antigas de interação entre a natureza e os seres humanos. (Franco *et al.*, 2011, apud Nascimento, 2008).

A ciência tradicional pode contribuir significativamente para a conservação da biodiversidade local por meio de estudos etnobotânicos e outras pesquisas. Esses estudos podem fornecer dados valiosos que embasem o manejo sustentável e a proteção das espécies, integrando o conhecimento popular ao saber científico. Ao reconhecer o alto valor e a importância que as comunidades locais dão a essas plantas, é possível identificar quais dessas ervas são as mais utilizadas, e com isso aprimorar estratégias de manejo, cultivo, conservação e propagação. Essa colaboração pode minimizar os riscos de exploração excessiva, promovendo o uso sustentável desses recursos e garantindo sua preservação a longo prazo (Paulino *et al.*, 2011).

Em determinadas regiões do Nordeste brasileiro, principalmente no interior dos estados, o sistema de conhecimento popular permanece ativo no cotidiano dos habitantes locais, especialmente nos setores da agricultura, meteorologia e medicina tradicional (Albuquerque; Andrade, 2002). Assim como ocorre no campo da ciência formal, esses saberes foram adquiridos no decorrer dos anos, entretanto, através das experiências de nossos antepassados conforme se situavam e descobriam plantas e frutos localizadas nas áreas em questão, enquanto se adaptavam ao clima e as mudanças de tempo. Como ocorreu no domínio medicinal, o sertanejo também desenvolveu habilidades de conhecimento agrícola para garantir sua sobrevivência frente às condições climáticas adversas da região e qual o melhor período do mês para a plantação são alguns desses exemplos. (Araújo, 2016).

Constantemente percebe-se que o valor do conhecimento se mede pela sua produtividade e aplicabilidade tecnológica. Enquanto o saber científico se dissemina rapidamente através das plataformas digitais e métodos sofisticados, o conhecimento popular enfrenta desafios para se manter relevante em um mundo cada vez mais tecnológico. Essa rapidez, embora traga avanços incontestáveis, também acentua o risco de invisibilizar saberes mais lentos, como os tradicionais. Com isso, muitos conhecimentos ancestrais, aprendidos com os mais velhos, correm o risco de se perder por falta de registro, espaço ou valorização institucional. (Cortina, 2021).

Em um mundo cada vez mais padronizado pelo discurso científico predominante, esses conhecimentos tradicionais representam não apenas alternativas práticas para comunidades com acesso limitado a serviços básicos, mas verdadeiros sistemas epistemológicos completos. Enquanto a meteorologia oficial depende de satélites e supercomputadores, os profetas da chuva do Seridó potiguar interpretam a floração da catingueira; enquanto a medicina moderna recorre a complexas fórmulas químicas, as rezadeiras combinam ervas medicinais com orações num ritual de cura que integra corpo e espírito.

De acordo com Pereira (2024), documentar esses saberes é preservar a memória coletiva de um povo que transformou adversidades em sabedoria. Cada planta medicinal, cada sinal climático observado representa um capítulo da resistência nordestina. Em muitas comunidades rurais, esses conhecimentos continuam sendo a primeira resposta para problemas de saúde, previsão climática e manejo agrícola. Esses saberes desafiam a hierarquia tradicional do conhecimento, mostrando que a ciência não se faz apenas nas universidades, mas também nos quintais, nas roças e nas experiências cotidianas com o ambiente.

Embora existam estudos sobre saberes populares nordestinos, percebe-se uma lacuna específica na produção acadêmica voltada para o Rio Grande do Norte. Apesar de que sejam atividades documentadas relacionadas a cultura e culinária, durante a revisão bibliográfica, constatou-se a escassez de pesquisas sistematizadas sobre os conhecimentos tradicionais potiguares. Isso reforça a urgência deste trabalho. A carência de registros científicos nesse contexto não apenas evidencia a necessidade de mais investigações locais, mas também alerta para o risco da perda irreparável desses saberes, que carecem de documentação urgente em todo o território nacional.

Possuindo como prioridade a ciência popular do Rio Grande do Norte, o levantamento revelou que, enquanto estudos sobre tradições nordestinas são abundantes, o RN aparece como território pouco mapeado pela etnociência. Essa invisibilidade acadêmica reflete uma emergência maior para registrar saberes que, sem documentação, podem desaparecer com as gerações mais velhas, o apagamento de uma cultura e de uma forma de existir no mundo. Preservar esses saberes, portanto, não é apenas uma questão de memória, mas de dignidade.

Diante desse contexto, o presente trabalho busca Identificar e analisar os principais conhecimentos tradicionais conhecidos e usados pela população potiguar, em diferentes domínios científicos, compreendendo tanto os saberes originados de experiências pessoais quanto aqueles transmitidos entre gerações. Ao reunir, organizar e refletir sobre essas manifestações culturais, este estudo busca também fortalecer a valorização e a preservação dos saberes tradicionais do Rio Grande do Norte. Reconhecendo que essas práticas podem representar a identidade das pessoas e das comunidades, além de ressaltar como elas podem enriquecer a construção de uma ciência mais diversa, sensível aos contextos locais e aberta a diferentes formas de conhecimento.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta seção aborda as teorias que fundamentam este trabalho. Durante o levantamento percebeu-se uma concentração significativa de estudos em duas áreas temáticas principais: o uso e manejo de plantas medicinais e as análises sobre os fenômenos da meteorologia.

2.1 A CIÊNCIA MEDICINAL

É evidente que o uso de plantas para o tratamento de doenças acompanha a evolução humana conforme o passar dos anos. Ao longo dos milhões de anos as plantas têm sido utilizadas no tratamento ou na prevenção de doenças (Santos, 2017). O planeta Terra passou por profundas modificações, antes das expansões das cidades, estradas e outras construções, as vastas áreas eram cobertas por vegetações, onde predominavam sem a interferência humana em larga escala. Atualmente, mesmo com a intervenção do homem, ainda é possível contemplar uma parcela desses ecossistemas naturais em determinadas localizações. (Cavalcante, 2025).

O cerrado brasileiro é o segundo bioma que possui maior território, aproximadamente 200 milhões de hectares, isto é, 25% de extensão, predominando no Centro-Oeste e possuindo suas disjunções na Amazônia Setentrional, interior do Nordeste, na Região Sudeste e na Bacia do Rio Paraná. Toda esta área é bastante rica em plantas usadas para medicina popular, utilizadas para a prevenção de doenças ou para cura (Conceição *et.al*, 2011). A utilização dessas vegetações faz

parte da vida diária dos seres humanos a muito tempo, e, através dessa convivência, houve a possibilidade de aprender como usar suas propriedades curativas. O baixo custo na aplicação dessas plantas é uma das vantagens do seu uso, uma vez que ainda existem pessoas que fazem o seu cultivo nos quintais de suas casas ou possuem acesso fácil a essa vegetação em feiras livres (Santos, 2017).

Um estudo etnobotânico realizado na comunidade rural de Mendes, no município de São José de Mipibu/RN, revelou que 82% dos entrevistados utilizam frequentemente plantas medicinais, citando mais de 60 espécies diferentes, como hortelã, erva cidreira, boldo, capim santo, entre outras, destinadas ao tratamento e à prevenção de diversas enfermidades, desde sintomas leves até problemas mais complexos. A metodologia envolveu entrevistas e visitas domiciliares, buscando compreender as formas de preparo, indicações e o vivo conhecimento tradicional transmitido de geração em geração. Os resultados destacam a relevância do saber popular na promoção da saúde, bem como a necessidade de orientação por profissionais qualificados para garantir o uso seguro das plantas.

Para as comunidades rurais, as plantas medicinais são mais do que um recurso, são parte essencial da vida. Muitas vezes, elas representam a única alternativa de cuidado e cura, especialmente em locais onde o acesso a medicamentos convencionais é limitado. Essa relação íntima com a natureza não só preserva saberes ancestrais, mas também reforça a resistência e a autonomia dessas populações no enfrentamento de doenças. (Roque et al., 2010).

Um estudo realizado por Mikaella Hayanne Medeiros Dos Santos na cidade de Santa Cruz – RN, mencionou que o óleo de coco (*Cocos nucifera*), a aroeira (*Myracrodruon urundeuva*) e o angico (*Anadenanthera colubrina*) são plantas usadas comumente pela comunidade com fins medicinais. O óleo de coco é feito a partir da prensagem da “carne do coco” desidratada, essa prensagem gera esse óleo, que é rico em ácidos graxos láurico, mirístico e ácido caprílico. (Santos, 2017, apud SANDMANN, 2013). As outras ervas são usadas na forma de chá.

A pesquisa foi realizada na feira livre da cidade de Santa Cruz – RN, teve a participação de 205 pessoas maiores de 18 anos, com perguntas relacionadas sobre o uso desses recursos. As mulheres se mostraram maioria entre os participantes (79%). O estudo destacou que 55,2% da população relataram o uso mensal desses produtos, 19,3% relataram o uso diário.

Um estudo intitulado “Uso Popular de Plantas no Rio Grande do Norte, Nordeste do Brasil”, publicado em 2009 na Revista Caatinga, apresenta um levantamento etnobotânico das espécies de plantas utilizadas na medicina popular. O estudo conduzido por Vanessa Pereira Mosca e Maria Iracema Bezerra Loiola, realizado em Natal – RN (região litorânea) e em Santa Cruz (região agreste) teve como objetivo inventariar as espécies vegetais e caracterizar seu uso pela população local. A faixa etária entre os entrevistados varia entre 38 e 58 anos, com predomínio de mulheres (227 entrevistadas).

A tabela abaixo apresenta as plantas citadas pelos participantes durante o estudo mencionado acima, contendo seus nomes populares, suas respectivas denominações científicas, partes utilizadas e suas indicações funcionais.

Tabela 1- Plantas medicinais citadas na comunidade do RN.

Nome popular	Nome científico	Parte utilizada	Indicação
Abacateiro	<i>Persea americana</i> Mill.	Folha	Rins
Agrião	<i>Nasturtium officinale</i> R. Br.	Folha	Gripe
Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Folha	Gripe, dor, cólica, nervos, mal-estar, pressão alta
Alfavaca	<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Folha	Digestão, diarreia
Algodoeiro	<i>Gossypium hirsutum</i> L.	Folha	Gripe
Alho	<i>Allium sativum</i> L.	Bulbo	Gripe, garganta, pressão, colesterol, inflamação do ovário
Anador	<i>Artemisia vulgaris</i> L.	Folha	Doenças intestinais

Adaptado de MOSCA; LOIOLA, 2009.

Tabela 1 - Continuação

Anil-estrelado, badiana	<i>Anisum stellatum</i> L.	Fruto, semente	Dor de cabeça
Arruda	<i>Ruta graveolens</i> L.	Folha	Dor de ouvido, muscular de cabeça
Avelós	<i>Euphorbia tirucalli</i> L.	Látex	Cicatrizante, verruga
Babosa	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. F.	Folha	Inflamação, câncer, coluna, estômago, creme para cabelo, cicatrizante, hemorróidas
Boa-noite-branca	<i>Catharanthus roseo alba</i> (L.) G. Don	Folha, flor	Tosse, gripe
Boldo, falso-boldo	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Folha	Enjôo, digestão, barriga, ressaca, gripe
Cabacinha	<i>Luffa operculata</i> (L.) Cogn.	Fruto	Sinusite
Cajueiro	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Casca	Inflamação (garganta, útero), cicatrizante
Camomila	<i>Chamomilla recutita</i> (L.) Rauschert	Flor	Estômago, calmante
Cana-do-brejo, cana-da-índia, cipó-de-macaco	<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	Folha	Inflamação urinária
Canela	<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Breyn.	Caule	Estômago, vômito, calmante, garganta, dor de cabeça, tontura
Capim-santo	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf.	Folha	Digestão, intestino, gases, calmante
Carambola	<i>Averrhoa carambola</i> L. (DC.) Stapf.	Folha, fruto	Diurético

Adaptado de MOSCA; LOIOLA, 2009.

Tabela 1 - Continuação

Crajiuru	<i>Arrabidaea</i> sp.	Folha	Dor, cólica, inflamação uterina
Cravo	<i>Syzygium aromaticum</i> (L.) Nerril	Botão floral	Indigestão
Erva-cidreira	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E. Br.	Folha	Digestão, calmante, menopausa, intestino, gases, ameba
Erva-doce	<i>Pimpinella anisum</i> L.	Semente	Calmante, tosse, cólica menstrual
Gengibre	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Raiz	Estômago, garganta
Gergelim-preto	<i>Sesamum indicum</i> L.	Semente, folha	Ossos, febre reumática
Goiabeira	<i>Psidium guajava</i> L.	Folha	Diarréia
Hortelã-de-são-francisco, folha-santa, setedores	<i>Plectranthus neochilus</i> Schlechter	Folha	Dor na barriga
Hortelã-folha-grande, malvarisco	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	Folha	Gripe
Hortelã-miúda	<i>Mentha villosa</i> Huds.	Folha	Gripe, ameba
Insulina	<i>Cissus verticillata</i> (L.) Nicholson & C. E. Jarvis	Folha	Tratamento da diabetes
Ipecacuanha	<i>Hybanthus calceolaria</i> (L.) Schulze-Menz	Raiz	Ossos, gripe
Nome popular	Nome científico	Parte utilizada	Indicação
Jambeiro	<i>Eugenia malaccensis</i> L.	Folha, fruto	Diabetes, colesterol, rins, coluna, hipertensão

Adaptado de MOSCA; LOIOLA, 2009

Tabela 1 - Continuação

Jasmim	<i>Plumeria alba</i> L.	Látex	Cicatrizante
Juazeiro	<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	Casca	Ferimento
Jurubeba	<i>Solanum paniculatum</i> L.	Raiz, folha, fruto	Doenças do fígado
Louro	<i>Laurus nobilis</i> L.	Folha	Digestão
Mangueira	<i>Mangifera indica</i> L.	Folha	Tosse
Manjerição	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Folha	Sinusite, dor de cabeça, febre
Maracujazeiro	<i>Passiflora edulis</i> Sims.	Folha, fruto	Calmanete, diminuir pressão arterial, insônia, diminuir colesterol
Mastruz	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Folha	Gastrite, gripe, garganta, inflamação (útero e ovário), sinusite
Melão-de-são- caetano	<i>Momordica charantia</i> L.	Folha	Hemoróidas, gripe
Milho	<i>Zea mays</i> L.	Flores (estiletes)	Uretra
Pau-brasil	<i>Caesalpinia echinata</i> Lam.	Casca	Garganta
Pitangueira	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Folha	Diarréia
Quebra-pedra	<i>Phyllanthus amarus</i> Schum.	Folha, raiz	Domosins, cálculos renais
Romã	<i>Punica granatum</i> L.	Fruto	Garganta, inflamação
Sabugueiro	<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schlt dl.	Flor	Baixar febre

Adaptado de MOSCA; LOIOLA, 2009.

Tabela 1 - Continuação

Tansagem	<i>Plantago major</i> L.	Folha	Antiinflamatório, tratamento de câncer
Urtiga-branca	<i>Cniduscolus urens</i> (L.) Arthur	Raiz	Inflamação do ovário

Adaptado de MOSCA; LOIOLA, 2009.

O levantamento mostrou uma preferência pelo uso das folhas. a utilização de ssas plantas medicinais ocorre, predominantemente, por meio da preparação de chás, que representam a forma mais geral de administração. Essa preferência pode estar relacionada à praticidade e facilidade no preparo, além da tradição cultural enraizada no uso dessas infusões para fins terapêuticos.

Segundo Cavalcante (2025), o uso consciente de ervas medicinais pode incentivar a preservação da biodiversidade e a apreciação de práticas sustentáveis. A população que mais utiliza des ses artifícios são pessoas que possuem idade avançada e, como mencionado anteriormente, os moradores das zonas rurais, além da relativa facilidade em conseguir tai s recursos, a dificuldade de deslocamento até uma Unidade Básica de Saúde (UBS) também contribui para a aplicação desses mecanismos. Mesmo indivíduos com acesso aos serviços de saúde convencionais frequentemente optam por tratamentos utilizando medicamentos caseiros. Isso contribui para a preservação desses saberes tradicionais e também práticas culturais.

2.2 METEOROLOGIA

Historicamente, a população nordestina tem convivido com a vulnerabilidade climática, decorrência da irregularidade pluviométrica que designa a região. Cotidianamente o sertanejo lida com o desafio naturais que essa vulnerabilidade provoca. Assim como ocorreu no domínio medicinal, o sertanejo também desenvolveu capacidades de conhecimento, as habilidades agrícolas, para garantir sua sobrevivência frente às condições climáticas adversas da região, e qual o melhor período do mês para a plantação são alguns desses exemplos (Santos; Schistek; Oberhofer, 2007). A evolução tecnológica tem sido fundamental no progresso da evolução humana, impulsionando avanços em todas as áreas de conhecimento.

Na meteorologia, o desenvolvimento de satélites, radares e supercomputados permitiu que o homem fizesse previsões climáticas confiáveis, com isso, ajudando no setor agrícola (Soares, 2022). Muito antes da tecnologia coordenar a meteorologia, os sertanejos aprenderam a decifrar os segredos do clima, através da observação da terra, do céu e dos ventos. Esse conhecimento ancestral a permitiu a sobrevivência no semiárido. (Bastos *et al.*, 2015).

A religião é um aspecto importante durante essas “previsões”, muitos acreditam no presságio de inverno abundante do dia de São José. Segundo a tradição católica, se chover no dia 19 de março (dia de São José) o ano terá boas e fartas colheitas (Oliveira, apud Santos, 2009), entretanto, a falta de chuvas neste dia é considerada como indício de má sorte para o inverno, indicando seca e prejuízo para os agricultores. Embora a meteorologia científica não estabeleça uma relação entre a ocorrência pluviométrica no dia de São José com o volume das chuvas na estação do inverno no Nordeste, a crença popular permanece como forma de conhecimento tradicional, apresentando uma resistência dos saberes culturais frente as perspectivas científicas convencionais.

Através de observações dos ventos e o comportamento de determinados animais, a previsão climática foi capaz de se estabelecer. Por intermédio dessa prática, o sertanejo realizou plantações e colheitas eficazes e garantiu a sobrevivência dos nordestinos na Região. Os chamados “profetas ou profetizas da chuva” são pessoas que possuem vasta experiência na “adivinhação” climática. Uma pesquisa sobre denominada ““Profetas da chuva do Seridó potiguar, Brasil”, realizada por Neusiene Medeiros da Silva; Anna Jéssica Pinto de Andrade e Cimone Rozendo (2014), mostrou a experiência de alguns desses ‘profetas’.

As experiências registradas excedem a mera catalogação da percepção de mudanças na flora e na fauna, elas incorporando dimensões mais amplas do conhecimento empírico. Como demonstrado nos relatos orais, a observação de fenômenos celestes, a interpretação de eventos climáticos, a demarcação de ciclos ritualísticos e a sistematização de práticas cotidianas também são elementos que, em conjunto, compõem um saber complexo e profundamente arraigado na vivência comunitária. Como o descreve um dos participantes da pesquisa citada acima, uma de suas experiências práticas é da garrafa d'água na fogueira de São João, uma técnica tradicional de previsão climática que consiste em enterrar uma garrafa sob uma fogueira e verificar seu nível de água no dia seguinte. Segundo o profeta, se o líquido permanecer na mesma marcação, indica um período de seca moderada ("seca verde"). Um aumento mínimo sugere chuvas esparsas, enquanto uma elevação significativa no volume prevê precipitações intensas.

A tabela abaixo apresenta os indicadores populares do inverno citados pelos participantes durante o estudo mencionado, contendo seus nomes populares, suas respectivas denominações científicas.

Tabela 2- Indicadores do inverno e da seca

Elemento da Natureza	Condição Observada	Previsão (Prognóstico)
Flora: Juazeiro	Floração coordenada entre árvores	Temporada chuvosa será positiva
Flora: Juazeiro	Folhagem se renova no final do ano	Inverno com chuvas favoráveis
Flora: Juazeiro	Sem floração em novembro	Indicativo de seca
Flora: Pereiro	Frutificação abundante ("segurar a carga").	Chuvas anunciadas

Adaptado de SILVA; ANDRADE e ROZENDO, 2014

Tabela 2 - Continuação

Flora: Pereiro	Presença deresina ("cera")	Estiagem provável
Flora: Jurema	Seiva em grande quantidade ao cortar o tronco (outubro/novembro).	Inverno úmido
Flora: Xique- xique	Brotos novos apontando em direção e pecífica	Revela aorigem das chuvas
Fauna:Cajaca-de- couro	Ninhos com a entrada voltada para o poente	Sugerechuvas futuras
Fauna: Galo-de-campina	Cantos frequentes	Precipitação próxima
Fauna: Formigas	Saindo doformigueiro em dezembro/janeiro	Sugerechuvas futuras
Fauna: Sapos	Saindo da toca ou desovando em águas novas	Sinal dechuva iminente
Fenômeno: Ventos	Norte nofinal do ano.	Preveem boas chuvas
Fenômeno: Ventos	Redemoinhosouventos conflitantes (norte vs. sul)	Estiagem àvista
Fenômeno: Nuvens	Céu com aspecto "escamado" (nuvens fragmentadas).	Sinal dechuva próxima
Fenômeno: Chuvas Iniciais	Primeiras chuvas com muitosrelâmpa gos, mas terminam em sereno.	Inverno será fraco
Datas: São Jos é (19/Março)	Chuva no dia	O melhor presságio para o inverno
Datas: São João (24/Junho)	Neblinaque se dissipa àtarde.	Indicativo de seca
Técnica: Lua Cheia (Janeiro)	Nasce atrásde nuvensou "barras" (faixas).	Sinal positivo para o clima

Adaptado de SILVA; ANDRADE e ROZENDO, 2014

3 METODOLOGIA

Para analisar as relações envolvendo a formação e a execução dos saberes científico e popular, este estudo adotou uma abordagem metodológica mista, combinando pesquisas bibliográficas em bases acadêmicas (como SciELO, CAPES e Google Scholar) e trabalho de campo qualitativo, sendo entrevistas realizadas com os moradores das zonas rurais da cidade de Felipe Guerra-RN. O estágio documental teve como prioridade a revisão de estudos no semiárido nordestino.

A região escolhida para a realização do estudo está localizada na Mesorregião do Oeste Potiguar e na Microrregião da Chapada do Apodi, estando a uma distância de, aproximadamente, 351 km da capital do estado, Natal. O município possui, de acordo com o último censo (IBGE, 2022), uma população estimada de 6.472 pessoas. A área foi selecionada devido à familiaridade do pesquisador com a realidade local, o que favorece a coleta de dados, além de motivar-se pelo propósito de valorizar o conhecimento popular e a cultura científica local.

O presente estudo tem como propósito central registrar e preservar os saberes científicos populares do interior do estado norte-rio-grandense, entendendo-os como parte essencial do patrimônio cultural e intelectual da região. Para isso, a pesquisa dedica-se a apresentar as práticas científicas populares utilizadas pelos sertanejos em seu cotidiano, descrevendo como esses conhecimentos tradicionais orientam o trabalho no campo, o preparo de remédios caseiros e a interpretação do comportamento animal para tomada de decisões. Além disso, busca sensibilizar as novas gerações sobre a relevância dessa preservação, fortalecendo o reconhecimento do valor desses saberes e garantindo sua continuidade como elementos constitutivos da identidade cultural nordestina.

3.1 SUJEITOS DA PESQUISA

O trabalho incluiu a realização de entrevistas semiestruturadas, tendo a participação de 10 entrevistados, sendo eles agricultores e donas de casa, com faixa etária entre 55 à 80 anos. As conversações ocorreram em suas devidas residências nas áreas rurais: Fazenda Nova, Sítio Brejo e Gasparim. Os participantes foram selecionados considerando o tempo de residência nas comunidades e suas experiências nas atividades. Todas as entrevistas foram gravadas com o consentimento dos participantes, sendo garantido o anonimato, substituindo seus nomes por códigos alfanuméricos (E1 a E10).

3.2 INSTRUMENTOS E COLETA DE DADOS

Como instrumento de coleta, utilizaram-se entrevistas semiestruturadas, compostas por perguntas relacionadas ao conhecimento popular científica. Essas indagações buscavam investigar a compreensão dos participantes em relação aos fenômenos naturais, o uso de plantas medicinais e o comportamento de alguns animais, durante sua vida. As entrevistas aconteceram presencialmente, com gravações de essas indagações buscavam investigar a compreensão dos participantes em relação aos fenômenos naturais, o uso de plantas medicinais e o comportamento de alguns animais, durante sua vida. As entrevistas aconteceram presencialmente, com gravações de áudio autorizadas pelos participantes.

3.3 TÉCNICA DE ANÁLISE

As respostas foram cuidadosamente analisadas, buscando entender como os participantes percebem e interpretam o tema. Utilizamos a análise de conteúdo para organizar as falas em categorias temáticas, o que nos permitiu identificar padrões nas suas percepções. Dessa forma, foi possível comparar esses saberes com o conhecimento observado nas pesquisas.

4 RESULTADOS

O processo de coleta de dados revelou variações nas respostas dos participantes, alguns desconsiderando informações ou fornecendo respostas pouco detalhadas. Contudo, tais ocorrências podem constituir dados relevantes para a análise, pois, podem refletir sobre possíveis limitações na formulação das perguntas realizadas ou aspectos culturais relacionados à transmissão do conhecimento. As lacunas ou respostas incompletas registradas não representam falhas na pesquisa, mas podem representar limites do conhecimento em questão, já que, mesmo considerando que indivíduo possua amplo conhecimento, as condições humanas impossibilitam a dominação da totalidade do saber.

As falas foram transcritas de forma literal, respeitando a oralidade dos entrevistados, a fim de preservar a autenticidade do saber popular. Enquanto alguns entrevistados demonstraram conhecimento profundo e observações coerentes, outros ofereceram respostas vagas, seja por receio de falar abertamente, falta de conhecimento real ou simplesmente pelo desejo de dar alguma resposta, mesmo que

não fosse coerente com a pergunta feita. A variação na qualidade das respostas dos entrevistados reforça justamente a urgência de se documentar aplicadamente esses conhecimentos antes que se percam.

4.1 TÉCNICA DE ANÁLISE

As respostas foram cuidadosamente analisadas, buscando entender como os participantes percebem e interpretam o tema. Utilizamos a análise de conteúdo para organizar as falas em categorias temáticas, o que nos permitiu identificar padrões nas suas percepções. Dessa forma, foi possível comparar esses saberes com o conhecimento observado nas pesquisas.

5 RESULTADOS

O processo de coleta de dados revelou variações nas respostas dos participantes, alguns omitindo informações ou fornecendo respostas pouco detalhadas. Contudo, tais ocorrências podem constituir dados relevantes para a análise, pois, podem refletir sobre possíveis limitações na formulação das perguntas realizadas ou aspectos culturais relacionados à transmissão do conhecimento. As lacunas ou respostas incompletas registradas não representam falhas na pesquisa, mas podem representar limites do conhecimento em questão, já que, mesmo considerando que indivíduo possua amplo conhecimento, as condições humanas impossibilitam a dominação da totalidade do saber.

As falas foram transcritas de forma literal, respeitando a oralidade dos entrevistados, a fim de preservar a autenticidade do saber popular. Enquanto alguns entrevistados demonstraram conhecimento profundo e observações coerentes, outros ofereceram respostas vagas, seja por receio de falar abertamente, falta de conhecimento real ou simplesmente pelo desejo de dar alguma resposta, mesmo que não fosse coerente com a pergunta feita. A variação na qualidade das respostas dos entrevistados reforça justamente a urgência de se documentar aplicadamente esses conhecimentos antes que se percam.

5.1 MEDICINA POPULAR

Como mencionado anteriormente, a medicina caseira oferece diversos tratamentos para as enfermidades que acometem tanto os animais quanto os seres humanos. A partir das entrevistas realizadas, foram identificadas algumas dessas preparações, incluindo sua finalidade terapêutica e seus métodos de produção. O entrevistado E1 relatou diversos usos terapêuticos de plantas para gripe, pedra nos rins e também cuidado com os animais:

“(...) do meu conhecimento, pra gripe você pode tomar lambedor. Você faz ele com casca de angico casca de aroeira; casaca de cumaru; cupim; batata de purga; nilona; hortelã; agrião; mastruz; usa limão também e mel (...) pra fazer um, pegue mastruz, mal, limão e malvarisco e coloque tudo no liquidificador com água, depois bote na geladeira e todo dia beba um pouquinho que melhora da gripe. (...) quando estavam com estalecido era preparado uma casca de cumaru e alecrim numa panela de barro nova, depois de colocar na panela deixava no sereno de noite e lavava o rosto de manhã, colocando um pouquinho no nariz. (...) para pedra nos rins, na vesícula, em qualquer canto que tivesse, usava chá de quebra pedra, mas a mulher grávida não po dia tomar para não abortar. Esse chá é feito de uma planta, o mesmo nome do chá, corta a raiz, lava e coloca na geladeira e vai tomando, hoje em dia é mais fácil comprar ela na feira”. E1.

“(...) pra fazer um lambedor a gente pega uma casquinha de romã, um dente de alho, uma folhinha de malvarisco, uma folhinha de hortelã, junta aquilo tudo e faz um lambedorzin, bota até acerola também. (...) antigamente a gente tomava muito chá de hortelã pra dor de cabeça, pra vista. (...) um muito bom pra gripe é papaconha, é uma raizinha que a gente agora compra na feira, mas achava no mato antes. A gente pisa ela no pilãozinho e faz um chazinho também, ferve e depois deixa abafado, quando esfria é só coar. (...) pra mulher gestante tem o caldo da pimenta do reino. Fazia o caldo pro menino sair logo, no instante o menino nascia. (...) todo mundo tinha suas plantinhas medicinal, né? Em casa, e tinha uma chamada de erva santa, que mais nunca nesse mundo eu ouvir falar mais dela, era só pegar elas e fazer um cozinhamento, depois lavava aquela enfermidade e ficava bom. (...). o óleo de girassol é bom pra cicatriz, antigamente a gente fazia assim: pegava a se mente torrava ela no caco, pra lá e pra cá, depois moía no moinho e colocava pra cozinhar. Quando tava cozinhado soltava o óleo, depois pegava a vasi lha colocava no cão e colocava água gelada, o óleo subia todinho, depois a panhava e botava pra curar(...) ele cicatriza e é bom pra hidratar também”. E2.

“(..) o chá da macela pra comer que fez mal, o boldo também, também serve pra febre (...) pra sinusite te o alecrim, faz ferve na água e passa no rosto. (...) a manjerona, é muito cheirosa, é bom pra sinusite, a quixabeira branca é bom pra dor, inflamação. (...) já disseram que a moringa é muito boa também, que evita até câncer, bota ela pra secar no sol e faz o chá. (...) diz que o cajueiro também é bom pra cicatriz. (...) o óleo do girassol, o azeite de carrapato também (...)” E3.

“(...) o chá do alho, que botava no fogo pra gripe (..) da folha da catingueira também era bom, o malvarisco. (...)”. E4.

“(...) pra doença assim nos osso tem o jenipapo, se levar uma pancada tam bém (...) você vai no pé de jenipapo e rapa a casca com uma foice ou outra coisa, pode molhar ou colocar seco, coloca ela onde tá doendo e ela vai tira ndo aquelas dor até ficar bom. (...) pra dor de barriga tem o chá de macela, muito bom (...)”. E5.

“(...) a água do tamarindo também é bom, serve pro colesterol (...) você peg a o tamarindo e bota ele de molho na água, pode deixar na geladeira e ir to mando todo dia uma coisinha, vai baixando o colesterol alto. (...)”. E6.

4.2. METEOROLOGIA POPULAR

Durante as entrevistas, percebeu-se um fator mencionado por todos os participantes, a observação das nuvens para a previsão da chegada das chuvas. O termo regional dado para essas formações é “torre” ou “torres do Aracati”. Essas nuvens são altas, densas e escuras, e costumam surgir no horizonte antes das chuvas.

“(…) a gente sabe que vai chover por causa da mudança de clima, sobe aquela evaporação, um calor, abafado. As torres que anunciam a chuva, são conhecidas por “torres de Aracati”, saiu aqui no Ceará pode esperar chuva que ela vem. (...) se torre tiver uma cor mais simples, mais esbranquiçada, aí chove pouco. Se ela tiver quase preta é porque vai chover muito, com trovão, relâmpagos. (...) a chuva vem do nascente. (...) os melhores de inverno são março e abril. E o que chove menos é fevereiro.” E1.

“(…) se quando forma as torres a gente diz logo: hoje chove, as torres levantaram, mas também não é sempre que chove, o vento espanta também (...) se o verão fosse muito quente falavam que o inverno não ia ser bom, não, só se mudasse muito. Outro também era que o povo falava que se desse muita bicheira nos brutos o inverno ia ser bom, mas quando não tem, o inverno não presta. (...). E3.

“(…) pode tá no inverno, mas quando amanhece essas torres do Aracati, quando amanhece alta, pode esperar, confiando em Deus, que com três dias chove (...) a chuva quando sai ela vem daqui, do nascente, (...) já vi chover no dia de são José e o inverno ser bom, já vi não chover e o inverno ser ruim e também já vi não chover e o inverno sem até bom (...)” E5.

“(…) o nevoeiro muito grande com as torres da chuva. (...) as nossas chuvas sempre vêm do nascente, ele é ao norte. (...) os primeiros sinais do nosso inverno aparecem em janeiro, mas fevereiro, março, abril, maio são os nossos meses de inverno. (...) como a gente sabe, aqui no nordeste só temos as duas estações, os outros meses são de verão. (...). E6.

De certa forma, a meteorologia encontra certa junção com a astronomia, uma vez que os conhecimentos tradicionais dos entrevistados revelaram essa relação. Alguns associaram a chegada do inverno, ou sua ausência, através desses sinais celestes, demonstrando que, assim como a astronomia interpreta ciclos cósmicos, a meteorologia popular se apoia nesses mesmos fenômenos para antecipar suas próprias previsões.

“(...) a estrela D’Alva tem uma história dela, que se ela mudar de um canto pra outro tem uma mudança de tempo no inverno, ela tá no poente e se muda pro nascente o inverno vai ser bom (...)”. E1.

“(...) o povo mais velho que eu tinha uma história da estrela da rabisca, que quando ele saía era seca, eles diziam “ora, essa estrela nasceu em tal ano, quando ela nasce não tem inverno”, e era dito e feito. (...) o povo dizia que a estrela D’Alva trazia o gelo, o frio. Falavam que quando fica frio de madrugada é por que ela tá saindo. Na hora que ela sai o gelo bate no mundo. (...) as três marias quando aparecem dizem que o inverno é bom. (...)”. E2.

“(...) antes o pessoal dizia que quando a lua aparecia durante o dia era sinal de qual alguma coisa tava pra acontecer. (...)” E6.

4.3. COMPORTAMENTO DOS ANIMAIS

Durante as entrevistas realizadas, os entrevistados compartilharam seus saberes acerca do comportamento dos animais em relação às doenças, revelando um conhecimento empírico acumulado através de gerações, e também experiência vivenciadas por eles ao longo de suas vidas. Os depoimentos destacaram diversos padrões, entretanto o “mal triste” foi uma das enfermidades mais citadas.

“(...) no animal tem o mal triste, assim que ele começar e se fazer o tratamento antes de oito dias o bicho escapa, mas se fizer só depois desses oito dias não tem mais jeito. (...) sabe que tá doente quando o bicho fica triste, não come, não bebe, fica todo arrepiado e quer ficar sozinho. (...) o primeiro sinal de um gado doente é que ele se isola e os que não estão se afastam, não querem ficar perto dele. (...) o remédio caseiro que a gente faz para eles é com batata de purga, alho, cabacinha e limão, hoje bate tudo no liquidificador, mas antes eram pisado tudo no pilão. Depois é só dar uma garrafada ao bicho que ele vai ficando bom. Do meu conhecimento, pra bicho só esse.” E1.

“(...) a galinha fica caçando lugar, caçando canto, é bom que a gente tenha o cantinho dela providencionando pra ela colocar aquele ovo, o ninho preparado (...) a gente faz o ninho delas no galinheiro mesmo, bota umas folhas num cantinho pra ela ir pôr seu ovinho lá (...) quando ela tá doente se mostra triste, aí a gente dá um xarope de alho que ela consegue melhorar. (...) dependendo da doença também(...) pro cachorro, bicho assim, aqui a gente dá uma batata de purga, pisa ela e faz uma massinha e bota na comida deles. É muito bom porque eles abrem a natureza a comer, afina o cabelo, fica muito bo nito. Essa batata a gente acha no mato mesmo, a gente arranca ela no mês de agosto, é que nem batata doce. A gente limpa ela, corta feito rodinha e bota pra secar, depois pisa e deixa ela guardada pra quando precisar usar. (...)” E2.

“(...) o mal triste da galinha a gente chamava de gogo, aí fazia um limão, um alho, espremendo o limão e colocando na água, o alho a gente faz o chá e bota na água também. (...)” E3.

“(...) quando adoecia um bicho, no tempo do véi meu pai, iam plantar um monte de cabacinha, botava água, botava no fogo, botava uma cabeça de alho, cortava o que chamava de cabeça de moleque e botava tudo junto. Depois fazia a garrafada e dava ao bicho, no instante ficava bom (...)”. E5.

“(...) uma observação interessante é que o pessoal falava que antes do relógio, quem anunciava as horas eram os jumentos. Quando ele rinchava o povo dizia: já deu a hora. (...)” E6.

4.4. PLANTAÇÕES

Sobre este tópico em particular, o foco acabou se desviando um pouco. Originalmente, a ideia era discutir sobre colheitas e plantações, porém durante a entrevista o assunto migrando para os venenos caseiros. Presume-se que isso ocorreu porque as perguntas podem ter sido formuladas de modo a direcionar as respostas para esse caminho, ou talvez os entrevistados tenham coompreendido a questão de maneira diferente, responderam apenas sobre os venenos, sem abordar outros aspectos das plantações. Somente um dos entrevistados apresentou uma resposta.

“(...) o veneno pra planta que eu faço é com folha de ninho, do pé de ninho, e viúva alegre. Corta tudo dentro de um tambor com água, com cinco dias ele tá pronto, é só pulverizar nas plantas, ele fede muito, mas não tem muito risco como o veneno que a gente compra (...)”. E1.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo evidenciou a riqueza e a complexidade dos saberes tradicionais no Rio Grande do Norte, revelando um sistema de conhecimento profundamente enraizado na relação entre as comunidades sertanejas e seu ambiente. Trata-se de um conhecimento fortemente baseado no empirismo, aquele que nasce da vivência, da observação diária e da experiência acumulada ao longo de gerações. As entrevistas demonstraram que esse saber não é aleatório nem frágil, ele é estruturado, coerente e baseado em um contato contínuo com a natureza com os ciclos ambientais do semiárido.

Os resultados deixam evidente que a maior parte do conhecimento preservado pelos entrevistados está submetido ao uso medicinal das plantas, a interpretação do comportamento animal e a leitura dos fenômenos celestes. A utilização de plantas, desde chás simples até preparações complexas como lambedores e garrafadas, reforça o papel central da etnobotânica na vida dessas comunidades.

Da mesma maneira, a observação do gado, das aves, de insetos e de animais silvestres continua sendo um importante indicador tanto de saúde quanto de mudanças climáticas. Já a leitura do céu, das torres de nuvens, da lua e das estrelas, especialmente a Estrela D'Alva, demonstra a permanência de um sistema meteorológico tradicional que orienta previsões e decisões no cotidiano sertanejo.

Outro aspecto relevante está no fato que a pesquisa revelou respostas incompletas ou lacunares em alguns relatos. Tais fatos não diminuem a importância do estudo; pelo contrário, reforçam a necessidade de investigações futuras mais amplas, com maior número de participantes e metodologias ainda mais aprofundadas. A ampliação da amostra permitirá uma documentação mais representativa e garantirá que um conjunto ainda maior de saberes seja preservado antes que desapareça.

Assim, conclui-se que os objetivos propostos foram plenamente alcançados. O trabalho identificou, registrou e analisou os conhecimentos tradicionais presentes nas comunidades rurais do Rio Grande do Norte, confirmando que o saber desse povo está intimamente ligado às plantas, aos animais e ao céu. Preservar esses conhecimentos não é apenas um ato de memória, mas também de respeito, valorização cultural e compromisso com as raízes que sustentam a identidade potiguar. Portanto, destaca-se a urgência de novos estudos que ampliem esse registro, assegurando que esse patrimônio imaterial continue vivo, fortalecido e transmitido às futuras gerações.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, U. P. de; ANDRADE, L. de H. C. **Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil.** Acta Botanica Brasilica, v. 16, n. 3, p. 273-285, 2002.

ARAÚJO, B. D. X. de. **Raízes da cura: os saberes e as experiências dos usos de plantas medicinais pelas mezinheiras do Cariri cearense.** 2016. 164 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Programa de Pós- Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

BASTOS, S. *et al.* **O uso da etnoclimatologia para a previsibilidade de chuvas no município de Retirolândia-BA.** Revista do CERES, Caicó, v. 1, n. 2, p. 176- 183, 2015.

CAVALCANTE, F. S. **Etnobotânica Amazônica: estratégias de vida, uso e conservação de plantas medicinais.** 2025. 152 f. Tese (Doutorado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2025.

CHALMERS, A. F. **O que é ciência afinal?** 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

CONCEIÇÃO, G. M. *et al.* **Plantas do cerrado: comercialização, uso e indicação terapêutica fornecida pelos raizeiros e vendedores, Teresina, Piauí.** Scientia Plena, v. 7, p. 129902, 2011.

CORTINA, J. J. F. **Tecnologias digitais como agentes mediadores na produção e compartilhamento do conhecimento científico para a participação social.** 2021. 117 f. Dissertação (Mestrado em Mídia e Tecnologia) – Programa de Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Bauru, 2021.

CUNHA, A. G. da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa.** 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2020. E-book.

FRANCO, F.; LAMANO-FERREIRA, A. P. N.; LAMANO-FERREIRA, M. **Etnobotânica: aspectos históricos e aplicativos desta ciência.** Cad. Cult. Ciênc., v. 10, n. 2, p. 1-21, dez. 2011.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Felipe Guerra (RN): Panorama.** Rio de Janeiro: IBGE, 2024.

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E MEIO AMBIENTE DO RIO GRANDE DO NORTE – IDEMA. **Perfil do seu município Felipe Guerra.** Natal: IDEMA, 2008. 30 p.

NASCIMENTO, H. M. A. **Convivência com o semi-árido e as transformações socioprodutivas na região do sisal – Bahia: por uma perspectiva territorial do desenvolvimento rural.** CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 46., Rio Branco, p. 1-16. 2008.

PAULINO, R. da C.; HENRIQUES, G. P. de S. A; COELHO, M. de F. B.; ARAÚJO, P. V. do N. **Riqueza e importância das plantas medicinais do Rio Grande do Norte.** Revista de Biologia e Ciências da Terra, v. 11

PEREIRA, P. E. Práticas curativas do Povo Potiguar/PB: **conhecimento e ciência através do poder das plantas.** 2024. 161 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós- Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2024.

PLATÃO. **Teeteto.** Tradução de Adriana Manuela Nogueira e Marcelo Boeri. Prefácio de José Trindade Santos. 3.^a edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Educação e Bolsas, 2010. ISBN 978-972-31-1108-8.

REGO, M. F. G. **Saberes tradicionais, práticas de benzimento e educação popular em saúde.** 2023. 93 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós- Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São João del-Rei, São João del- Rei, 2023.

ROQUE, A. A.; ROCHA, R. M.; LOIOLA, M. I. B. **Uso e diversidade de plantas medicinais da Caatinga na comunidade rural de Laginhas, município de Caicó, Rio Grande do Norte (nordeste do Brasil).** Revista Brasileira de Plantas Medicinais, Botucatu, v. 12, n. 1, p. 31-42, 2010.

SANTOS, M. H. M. dos. **Uso Popular de Plantas Medicinais na cidade de Santa Cruz – RN.** 2017. 30 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

SANTOS, C. F.; SCHISTEK, H.; OBERHOFER, M. **No Semi-árido, Viver é Aprender a Conviver: Conhecendo o Semiárido em Busca da Convivência.** [S.l.]: Articulação Popular São Francisco Vivo, 2007.

SANTOS, E. R.dos. **Religiosidade sertaneja: amanhecer esperança, adormecer paciência.** In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal. Anais...Natal, 2013.

SILVA, N. M. da; ANDRADE, A. J. P. de; ROZENDO, C. **‘Profetas da chuva’ do Seridó potiguar, Brasil.** Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 9, n. 3, p. 773-795, set.- dez. 2014.

SOARES, A. C. **Análise de séries temporais com uso de Redes Neurais Artificiais em dados meteorológicos para previsão de chuva e eventos climáticos severos.** 2022. 112 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Computação) — Programa de Pós-Graduação em Ciência da Computação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022. n. 1, p. 157-168, 2011.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

PERGUNTAS PARA OS ENTREVISTADOS

1 - Conhecimento científico popular sobre a astronomia:

- Quando era criança e via uma estrela durante o dia, o que as pessoas mais velhas falavam? Contavam alguma história?
- Porque a lua aparece durante o dia algumas vezes?
- Qual é a história da Estrela Dalva?
- Como surgiu a história das três Marias?
- Alguém já falou algo relacionado a eclipses solares e lunares?

2 - Conhecimento científico popular sobre meteorologia:

- Como surgiu a história do casamento das raposas quando chove, mas não está nublado?
- Como sabe que vai chover em determinado horário mesmo não estando nublado?
- Como observar as “torres” que se formam antes de chover?
- Como sabe de qual lado vem a chuva de determinada região?
- Como sabiam que em determinado período o inverno seria bom ou ruim?

3 - Conhecimento científico popular sobre os animais:

- Explique sobre o comportamento dos animais.
- Como os fazendeiros sabiam que o animal estava doente?
- Quais remédios eram dados aos animais?

4 - Conhecimento científico popular sobre as curandeiras e remédios caseiros:

- Quais são os remédios caseiros mais difíceis e os mais fáceis de fazer?
- Quais remédios eram oferecidos para as pessoas gripadas?
- Como eram feitos os remédios quando não tinha acesso a farmácia?
- Como eram preparados os remédios?

6 – Conhecimento científico popular sobre agricultura:

- Quais adubos usados nas plantações?
- Como saber que determinada plantação está boa para ser colhida?
- Quais os venenos usados nas plantações?
- Existe algum veneno que não seja menos agressivo que os industrializados?